



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA

RAYSSA FONSECA GUEDES

Rádio Mun-Rá
Especial Sabotage

Salvador

2017.1

RAYSSA FONSECA GUEDES

Rádio Mun-Rá
Especial Sabotage

Memorial descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso – programa de rádio, apresentado à Banca, para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da UFBA.

Orientador: Professor Maurício Tavares

Salvador

2017.1

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, meus amores, meu chão. Meu pai, meu parceiro-amigo, agradeço o esforço desmedido para me oferecer bons estudos. Minha mãe, meu apoio, agradeço o cuidado, a amizade e a cumplicidade sem fim.

A minha avó, minha véa Railda, agradeço por ter mostrado que posso conquistar meus sonhos com muita garra, humildade, inteligência, graça e humor. Te amo mais que a vida.

Aos meus amados amigos. A Clara, uma irmã que Salvador me deu com mamãe e vovó no combo; a Júlia, amiga para todas as horas; a Matheus, meu parceiro de Game of Thrones e a Krystal, parceira de tantos trabalhos, agradeço por me acompanharem e me aturarem durante essa jornada. Lorena e Galeno, agradeço o vínculo felino que nos une e todas as brincadeiras imbecis, vocês são maravilhosas.

A Kleber, pela música e amizade inspiradoras.

A Dudu Assunção e Vinícius Nascimento, que me apoiaram tanto nesta etapa do TCC. Agradeço a amizade, as risadas e as brincadeiras nos momentos de gravação e edição do programa, com certeza fizeram toda a diferença. Posso afirmar com plena convicção que estou contente.

A Jaqueline Menezes, que me hospedou em São Paulo e, como se não bastasse, me deu muita força e carinho numa etapa tão apreensiva de produção do programa.

A Maurício Tavares por ter aceitado entrar nessa comigo e conduzido com muita leveza todo o período de orientação.

A família do Sabotage, Dalva, Tamires e Wanderson, a quem também dedico este trabalho. A Nerie Bento, por fazer a interlocução com os familiares. A Daniel Ganjaman, Dj Cia, Tejo Damasceno e Rica Amabis.

Olha aí! Olha aí!

Olha aí!

Ai, o meu guri, olha aí

Olha aí!

É o meu guri!

(Chico Buarque)

RESUMO

Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage é um programa de rádio especial concebido e produzido para apresentação no semestre 2017.1. Para a produção deste programa foram utilizadas técnicas de rádio e abordagens sobre performance e estética do rap, com o objetivo de discutir a produção do rapper Sabotage no cenário musical brasileiro. Este memorial estabelece os referenciais teóricos que auxiliaram para a formação do programa e o seu processo de produção.

Palavras chave: Sabotage; Rap; Rádio; Programa Especial; Performance; Estética

ABSTRACT

Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage is a special program designed and produced to be presented in the first semester of 2017.1. For this program production, were used radio techniques and approaches about performance and aesthetics of Rap music, purposing to discuss about rap production of the rapper Sabotage in Brazilian music scene. This memorial establishes the theoretical references that helped to create the program and its production process.

Keywords: Sabotage; Rap music; Radio; Special Program; Performance; Aesthetics

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Apresentação | 8 |
| 2. O Produto | 10 |
| 2.1 Rádio como meio de comunicação massivo..... | 10 |
| 2.2 O Programa Especial..... | 12 |
| 3. O Projeto | 13 |
| 3.1 Por que um programa de rádio? | 13 |
| 3.2 A escolha do tema..... | 15 |
| 4. O Processo | 20 |
| 4.1 Entrevistas em São Paulo..... | 20 |
| 4.2 Produção..... | 23 |
| 4.3 Os desafios..... | 25 |
| 5. A Trajetória | 26 |
| Referências | 29 |
| Apêndice | 30 |
| Apêndice A – Roteiro do Programa..... | 31 |
| Apêndice B – Roteiro de Gravação..... | 38 |
| Apêndice C – Lista de músicas inseridas no programa..... | 42 |

1. Apresentação

Falar sobre Sabotage é justificar o motivo pelo qual quis ingressar na faculdade, no curso de produção cultural. É o fechamento de um ciclo. Este memorial descreve o caminho que segui para produzir o programa de rádio sobre o rapper paulistano, embasados em referenciais teóricos do rádio, perpassando brevemente pela estética e pelos estudos sobre o conceito de performance. ‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’ surge como um desejo de homenagear a obra de Mauro Mateus dos Santos. A escolha do formato de áudio, mais especificamente um programa de rádio, se deu pela proximidade já histórica com o gênero musical: os programas de rap nas características rádios dos anos 90, as rádios comunitárias e, atualmente, as rádios web, são um caso à parte na história do movimento Hip Hop.

Para pensar e produzir o programa de rádio me ative às características de produção de um Programa Especial. Este formato de programa tem como marca importante, como destaca Robert Mcleish, a “forma bastante livre, geralmente enfatizando qualidades humanas, estados emocionais ou atmosferas não indefiníveis” (MCLEISH, 2001, p. 191). O uso de entrevistas indica uma abordagem mais factual, entretanto, intercaladas a canções e outros recursos sonoros, provoca dentro do programa uma composição mais lúdica. Esta foi a opção escolhida para a ‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’, trazer depoimentos das pessoas que conviveram com o rapper e, no intuito de ilustrar as falas dos entrevistados e o tema debatido, inserir suas músicas.

As características do programa especial e o desejo de fazer referência às rádios de Hip Hop que costumava escutar com meu pai nos anos 90, possibilitaram a realização de um programa de rádio baseado na vida do Sabotage. Apesar do curto tempo de vida – Sabotage faleceu aos 30 anos – muitos assuntos sobre a sua vida poderiam ser discutidos. E como fazer um recorte contundente sem que o programa ficasse tentando contar estas inúmeras histórias de maneira superficial? Utilizei como fio condutor a produção musical do Sabotage e todos os processos que envolvem esta temática para construir o programa. Desta maneira, foi possível abordar de maneira expansiva toda a carreira do rapper e reunir algumas impressões das pessoas que conviveram com ele, como produtores, músicos e sua família.

Para apresentar o percurso do Sabotage na música e explorar sua produção, optei

por dividir o programa em três blocos, cada um com temáticas diferentes. O primeiro bloco faz uma passagem pela trajetória de vida do Sabotage, o início da sua carreira e como se deu o reconhecimento do rapper no meio musical. Já o segundo bloco apresenta as circunstâncias do seu sucesso: seu primeiro disco, as diversas parcerias e o passeio por outros gêneros musicais. Por fim, o terceiro bloco, destaca a importância do Sabotage no cenário musical brasileiro, principalmente na cena de rap, e o seu disco póstumo, lançado em 2016.

Nascido e criado na Favela do Canão, Mauro Mateus dos Santos – que seria conhecido futuramente como Sabotage – cultivou desde muito jovem o sonho de cantar rap. O primeiro bloco da atração se dedica, como não poderia deixar de ser, a esclarecer quais caminhos e encontros levaram o músico a realizar este anseio.

No segundo bloco, são apresentados os principais frutos do seu sucesso meteórico: o disco ‘Rap é Compromisso’, lançado no ano 2000 e as parcerias musicais realizadas pelo artista. O rapper passou por diversos meios e pôde explorar experimentações além do rap, como o samba e o rock. Fez parcerias com o Coletivo Instituto, dos músicos e produtores Tejo Damasceno e Rica Amabis, com o rapper Black Alien, com Charlie Brown Jr, com a banda Sepultura, além de ter participado diretamente da premiada trilha sonora do filme ‘O Invasor’, do cineasta Beto Brant.

O terceiro bloco, que encerra o programa, apresenta o trabalho mais recente do Sabotage: o disco póstumo ‘Sabotage’, lançado no final de 2016. Realizado a muitas mãos, o disco contou com a produção de Daniel Ganjaman, Rica Amabis e Tejo Damasceno, além da co-produção de outros produtores e músicos em faixas do disco, como Dj Cia, do grupo RZO, Dj Nuts, Tropkillaz, entre outros.

A ordem dos blocos foi estabelecida desta forma para que o ouvinte possa compreender os processos aos quais Sabotage passou para adentrar o meio musical, entender sua performance enquanto artista através de suas letras, a produção do seu som, a negociação que ele promovia com os meios de comunicação – relação quase inédita na época –, e, por fim, destacar a sua importância e contribuição para o cenário musical, sobretudo para a produção de rap no Brasil.

As entrevistas tiveram importante papel na construção do roteiro do programa.

Optamos pela utilização dos diálogos diretos dos entrevistados intercalados às intervenções do locutor, através de comentários e opiniões do que foi dito, para aproximar e sensibilizar o ouvinte das situações descritas.

Para embasar os caminhos escolhidos para a construção do produto, este memorial está dividido em quatro partes: o produto, o projeto, o processo e a trajetória.

- 1. O Produto:** Aqui apresentamos o referencial teórico de rádio utilizado no trabalho. Expomos, acima de tudo, a relação com o Rádio como meio de comunicação massivo e a importância do conceito e características do Programa Especial para a elaboração do produto.
- 2. O Projeto:** Neste capítulo é feita a defesa da escolha do formato da ‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’ para contar a trajetória do Maestro do Canção. Neste tópico também há a explicação dos motivos que levaram à escolha do tema.
- 3. O Processo:** De maneira geral, discorremos sobre as etapas da produção do produto: as entrevistas em São Paulo com os familiares, produtores e músicos, a elaboração do roteiro e a edição do programa.
- 4. A Trajetória:** Por fim, indicamos o caminho acadêmico percorrido pela autora, desde a concepção do projeto até o resultado final.

2. O Produto

2.1 Rádio como meio de comunicação massivo

Acreditamos que o programa “Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage” se encaixaria em algumas emissoras de rádios musicais, mas para comprovar esta afirmação, é preciso entender o contexto do rádio no Brasil e localizar o programa conforme os preceitos teóricos utilizados, no intuito de relacioná-lo à estrutura radiofônica.

Segundo Luiz Artur Ferraretto (2001), em ‘Rádio: O Veículo, A História e A Técnica’, 98% dos brasileiros têm rádio. É irrefutável a importância do artefato como meio de comunicação massivo, “uma máquina popular e democrática para a disseminação de informação e entretenimento” (FERRARETTO, 2001, p.1). Desse modo, por possuir preço acessível e tecnologia de fácil manuseio, o rádio atinge uma grande parcela da população brasileira que, de acordo com Ferraretto, caracteriza-se

como ampla, anônima e heterogênea, aspectos que apontam o rádio para a direção de meio de comunicação de massa:

Dos mais simples receptores transistorizados comuns à maioria dos ouvintes aos sofisticados rádios de múltiplas bandas usados pelos aficionados que rompem madrugadas em busca de longínquos sinais, a radiofusão sonora faz parte da vida de grande parte da população, adquirindo caráter massivo. (FERRARETTO, 2001, p. 22).

O produto de rádio em questão se insere neste contexto. ‘Rádio Mun-Rá’ é um programa essencialmente do gênero musical e o ‘Especial Sabotage’ foca na cultura Hip Hop e fala de rap. Historicamente, atende a uma demanda de público muito específica, que consome música, como sinaliza Ferrareto, que as maiores audiências nesse estilo de rádio “são registradas pelas estações voltadas às classes C e D” (FERRARETTO, in MAGNONI, e DE CARVALHO, 2010, p. 44), classes estas que são em sua maioria o público de rap no Brasil.

Cabe salientar que a classificação de rádio como meio de comunicação massivo abrange não só a mais tradicional concepção de fazer e consumir o veículo radiofônico, como “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas” (FERRARETTO, 2001, p.23), como também um meio que vem observando e aderindo às atualizações tecnológicas.

(...)Pode-se, de certo modo, dizer que, na atualidade e sob a influência de novas modalidades suscitadas pelo avanço tecnológico, constitui-se como rádio aquilo a que o ouvinte atribui esta caracterização, aquilo de que ele necessita, que identifica e utiliza como tal. Em termos de conteúdo de mensagem, a referência tem de ser a presença dos elementos que conformam a chamada *linguagem radiofônica*: a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Há que pressupor, ainda, alguma estratégia de sintonia. Tudo isto considerando também que o público, tomado anteriormente apenas como ouvinte, passa a ser encarado como usuário multimídia, que vaga no espaço real ou virtual de uma a outra forma de obter conteúdo ou, para usar um termo desta nova era, que *surfa* entre elas. (FERRARETTO, 2010 in MAGNONI, e DE CARVALHO, 2010, p.49).

Para a construção do produto ‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’ encontramos o

caminho da estrutura radiofônica. E almejando oferecer um programa que conseguisse conciliar regras e preceitos de produção de uma rádio tradicional, bem como trazer recursos mais atualizados – sejam eles pelo programa utilizado para edição do produto ou a maneira como foi feita a locução, a disposição dos efeitos sonoros até as músicas, apoiei-me na ideia trabalhada por Luiz Artur Ferraretto, que considera o rádio como um meio que tem experimentado intensa convergência com outros meios, principalmente com a Internet e que, mesmo sendo um meio massivo, de grande alcance, identifica o seu público e direciona o que é produzido (musical, jornalístico, ficcional etc) com o propósito de atingi-lo com maior eficácia.

2.2 O Programa Especial

Além de entender e localizar o produto radiofônico produzido, outro elemento de extrema importância na hora da produção do programa foi tipificá-lo. Antes mesmo de notar que o produto se encaixaria neste formato, a ideia de uma estrutura exequível semelhante ao formato do Programa Especial foi cogitada.

Principalmente porque o formato do especial possui algumas características próximas ao formato documentário: ambos podem tratar de um fato real. O que difere um do outro é a abordagem acerca do tema. De acordo com Robert Mcleish (2001), no livro ‘Produção de Rádio’, enquanto o documentário busca manter um tratamento equilibrado e verídico, seguindo à risca o objeto de análise do programa, o especial procura “dar asas à imaginação, mesmo que o material, a fonte, seja real” (MCLEISH, 2001, p. 191).

O especial, além de permitir a aproximação com o tema tratado, concede a liberdade de produção e experimentação, já que

(...) O programa especial não tem as mesmas restrições formais. Aqui todas as formas possíveis do rádio se encontram - poesia, música, vozes, sons, o fantástico e o maravilhoso, que se combinam numa tentativa de informar, estimular, entreter ou inspirar o ouvinte. Os ingredientes podem ser a entrevista ou a enquete, a peça radiofônica ou o debate, e soma total será o fato ou a fantasia. (MCLEISH, 2001, p. 197).

Em seu processo de produção, o programa especial possui técnicas bem definidas: a) planejamento; b) pesquisa; c) script; d) coleta do material; e) montagem e edição final. Por se tratar de um produto de tendência mais criativa, o item c, o script, é um dos elementos mais valiosos na produção do especial. Construir um texto radiofônico interessante é o foco principal do produtor. Segundo Mcleish, alguns dos melhores programas vieram de produtores “que conseguem ouvir o resultado final se formando mesmo enquanto fazem a pesquisa” (MCLEISH, 2001, p. 197).

O formato do programa é de tamanha importância para a sua concepção, que optamos por fazer sua identificação no título: ‘Especial Sabotage’. Desta forma, demarcamos dentro do programa o processo de produção e anunciamos ao ouvinte o estilo de programa que ele está prestes a escutar. O programa especial exerce a liberdade criativa que outros formatos radiofônicos costumam não possuir, a partir do momento em que sua estrutura atende a demandas técnicas flexíveis e a possibilidade de aprofundamento nos temas.

No quarto tópico, em que relatamos o processo de produção, as técnicas utilizadas são destrinchadas. A construção desprendida da ‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’ é um reflexo do formato especial e nos trouxe mais liberdade criativa em sua produção.

3. O Projeto

3.1 Por que um programa de rádio?

O tema foi o que conduziu o produto para um programa de rádio no formato de especial. Falar da produção musical do Sabotage, tocando em temas importantes da sua carreira como a elaboração e a repercussão dos seus dois discos, sua performance enquanto artista, que negociava com os meios de comunicação e que destoava dos outros rappers da época, além da sua relação com artistas de outros gêneros musicais, só foi possível graças à afinidade que o rádio apresenta em falar de música unido ao seu cunho jornalístico, oferecendo ao ouvinte a fusão de entretenimento e informação.

Luiz Artur Ferraretto (2010) ainda considera o fato do gênero musical estar inserido em grande parte das rádios moduladas, que transmite suas informações utilizando modulação em frequência (FM).

Basta, para tanto, observar que o rádio musical prepondera entre as emissoras em frequência modulada, as quais, no total, carregam para si de pouco mais de 60% a quase 90% (considerando os dez principais mercados brasileiros pesquisados mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). (FERRARETTO, 2010 in MAGNONI; DE CARVALHO, 2010, p.43).

A escolha pelo rádio foi baseada também por uma afeição pessoal. Quando criança costumava escutar rádio com meu pai, conheci rap voltando da escola, quando ouvíamos um programa das 17h da rádio *Transamérica FM - 102.7* da cidade que morávamos na época, Governador Valadares - MG. Outra referência são os Racionais MC's e a sua emblemática *Rádio Exodus* nas faixas 'Sou + Você' e 'Da ponte pra cá' do disco 'Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol 1 & 2', de 2002. Rádio ficcional que os Racionais criaram como veículo de informação e com forte teor de 'pregação' para a comunidade representada na canção.

O programa de rádio permitiu percorrer as diversas nuances que o tema possuía, foi possível abordar de maneira ampla a carreira do Sabotage e reunir as impressões das pessoas que conviveram com o rapper de forma diferenciada, leve e, ainda sim, aprofundada.

O nome da 'Rádio *Mun-Rá*' é retirado da música de mesmo nome que o Sabotage fez para o filme 'O Invasor'¹. A escolha do nome se deu por ser uma palavra expressiva, curta e diferente. Também existe a possibilidade de associar os 'Rá's' do Rádio e do Mun-Rá.

A maior descoberta com a história do Sabotage, apesar de parecer findada, se deu quando decidi ir para São Paulo conhecer um pouco o dia-a-dia das pessoas que conviveram com o rapper e entrevistá-las. *Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage* foi um processo intenso, nada imparcial. Tanto em relação ao tema, que está intimamente ligado a minha formação pessoal, quanto em relação ao formato que optei por trabalhar, que se mostrou um ambiente extremamente fértil para meu futuro profissional.

¹ Mun-Rá - Sabotage & Instituto. Disponível em <<https://goo.gl/8wvjM1>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

3.2 A escolha do tema

Mauro Mateus do Santos, o Sabotage, nasceu em 03 de abril de 1973, em um barraco de dois cômodos, na Favela do Canão, em São Paulo. Morava com sua mãe, Maria Ivonete, e seus dois irmãos, Sérgio Mateus, o Deda, e Paulo Mateus, o Paulinho. A Favela do Canão era o nome que os moradores deram àquela rua de terra que não tinha mais do que cem moradores e ficava próximo ao luxuoso bairro do Brooklin.

Não muito diferente do que acontece em muitas favelas do Brasil, Sabotage conviveu desde muito cedo com os indícios da violência, como retrata Toni C.² (2013) na biografia oficial do rapper intitulado ‘Um bom lugar’, afirmando que “Maurinho nasceu num ambiente onde seus tios e parentes muitas vezes o embalaram no sono e trocavam suas fraldas com revólver na cintura”. (C., 2013, p.31).

O contato de Sabotage ainda criança com a violência o fez adentrar no tráfico muito cedo, fazendo-o seguir trabalhando dentro desta estrutura durante muito tempo. Entretanto, Maurinho, como era conhecido pelos mais próximos, cativava o sonho de cantar rap. Ele e o seu irmão do meio, o Deda, queriam montar um grupo e apelidar de “Sabotage”, porém não conseguiram realizar o sonho: Deda foi assassinado dois meses após sair da cadeia. Uma grande perda para Sabotage, que quase abandonou o sonho da música por causa da tragédia do irmão.

Rappin Hood e Sandrão do RZO foram essenciais por trazer o Sabotage para o cenário musical e incluí-lo nos shows do RZO. Foram conversar diretamente com os parceiros do Sabotage no tráfico e explicar que com os amigos da música ele também estaria seguro

“Todos foram ao encontro do ‘Omi’. A conversa que tiveram foi séria. O patrão apresentou preocupações com o futuro do seu funcionário: ‘Vocês não vão deixar o moleque no veneno, né? Porque aqui o moleque tem dinheiro. Aqui ele tá bem. Vocês vão tirar ele daqui, né? Quero ver, quero ver o CD na minha mão’”. (C., 2013, p. 102).

² Realizei a pesquisa em busca do sobrenome completo do autor. Porém não foi encontrado. Toni C. assina todas suas obras desta maneira.

Os artistas de maior reconhecimento do rap na época apoiaram Sabotage: os Racionais MC's, através do selo Cosa Nostra, assinaram a produção do primeiro disco do Maurinho: 'Rap é Compromisso'.

'Rap é Compromisso', participação em filmes como 'Carandiru' e 'O Invasor', experimentações em outros gêneros musicais junto ao Coletivo Instituto e músicos renomados: Sabotage despontava no início dos anos 2000 no cenário nacional como um dos grandes artistas da música brasileira e, principalmente, do rap. Esse destaque era dado, principalmente, por sua performance diferenciada em detrimento dos outros rappers – tanto os que o antecederam quanto os seus contemporâneos. No artigo 'Música é informação! Música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Schafer e Paul Zumthor', de Heloísa de Araújo Duarte Valente (2005), a autora faz um estudo semiótico sobre música e sua relação com as mídias e toma como referência os estudos de Paul Zumthor, trabalhando o conceito de 'canção das mídias' para designar a noção de performance utilizada por Zumthor, mais conhecida como *performance mediatizada*.

Na performance [...] de uma obra poética vocal (narração, declamação, canto), o processo comunicativo entre poeta/músico (emissor da mensagem) e público (receptor) coloca em jogo toda a realidade psicofisiológica (processos térmicos e químicos, cinéticos) de ambas as partes, além da decodificação pelos órgãos dos sentidos. Tanto mais esta relação é direta, despojada de intermediações técnicas, tanto mais a comunicação adquire um caráter tátil. (VALENTE, in SILVA, 2005, p.93).

As técnicas que Sabotage utilizava na hora de cantar, as rimas, o ritmo (mais conhecido no meio do rap como *flow*) e os recursos que ele empregava para compor suas músicas eram extremamente particulares e peculiares. Se todos os rappers falavam da violência, do crime ou das mazelas sociais da periferia de um modo mais direto e contundente, Sabotage fazia um caminho diferente: cantava a periferia e o seu cotidiano, falava sobre os seus personagens ("João bateu/ Puta bri/ Comentei com Junim / Que ligou/ O gordim/ Que tava / Com Davi/ Ouvindo só rari/ Tom Jobim/ É nós na fi é sempre assim")³ e rima o crime com a propriedade de quem passou por essa experiência. Sabotage foi um dos grandes cronistas de sua época

³ Dama Tereza - Sabotage. Disponível em <<https://goo.gl/JVjbW1>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

“Pow, eu vi um cara ali na Praça estagnado de tanto fumar pedra’. Eu canto isso na minha música, eu falo porque ele está ali. ‘Ah, o cara sequestra’. Mas por que ele virou um sequestrador? Vamos voltar um pouquinho no passado: Qual foi a correria dele? Ele não teve faculdade? Ele não teve um curso de datilografia? Então por que hoje ele é um sequestrador? Vamos estudar isso? Isso ninguém estuda: a vida do cara”’. (C., 2013, p. 187).

Juliana Gutmann (2015) em seu artigo ‘Sobre Performance e Historicidade: uma proposta de abordagem estética e cultural da MTV Brasil’ trabalha a ideia de performance ao propor a articulação do conceito “numa perspectiva histórica, do desempenho da MTV Brasil, seus modos de fazer, de se relacionar com a audiência e contextos culturais”. No entanto, cabe salientar que a noção de performance estudada por Gutmann coincide com a concepção abordada no presente trabalho ao passo que a autora traz o fundamento de Richard Schechner (2006), que pensa performance como um “mostrar fazendo”, considerando a ideia de toda e qualquer atividade humana.

Performances são “comportamentos restaurados”, comportamentos duplamente experienciados, ações realizadas e para as quais as pessoas treinam e ensaiam (SCHECHNER, 2006, p. 28). Essas práticas repetidas também constituem rituais, situações, identidades, narrativas e novos padrões. A dimensão de cotidianidade é central no entendimento do autor sobre performance, o que nos habilita a convocar relações com o caráter cultural da experiência estética. (GUTMANN, 2015, p. 6).

Anna Christina Bentes (2002) em seu artigo ‘Um bom lugar: A arte verbal nos videoclipes do rap paulista’ analisa a performance de três rappers paulistas através do estudo de seus respectivos videoclipes. Bentes analisa o videoclipe ‘Um bom Lugar’, lançado em 2001. Gravado na Favela do Canão, local onde o Sabotage morava, a autora conclui que a performance do rapper é absolutamente vinculada ao seu local de origem, reforçando o coro de que está diretamente atrelada à identidade étnica e social do grupo social por ele representado: “Seu andar pela favela, sua vivência nela, sua intimidade com o lugar ajudam a reforçar identidade social do rapper construída no/pelo videoclipe”. (BENTES, 2002, p. 5).

Sabotage demarcou seu espaço entre os rappers da sua geração. Além de se sobressair dos demais, ele quebrou algumas regras no meio do rap, ao qual era formado

por uma estrutura muito fechada, que costumava hostilizar os membros que adotavam a estratégia de se inserir nos grandes meios de comunicação. Sabotage percorreu diversos espaços ainda não alcançados por outros representantes do rap brasileiro: contracenou em longas metragens ('Carandiru', de Hector Babenco, e 'O Invasor', de Beto Brant), fez parcerias com artistas e produtores de outros gêneros musicais, como Sepultura, Charlie Brown Jr., Titãs e o Coletivo Instituto e gostava de conceder entrevistas no rádio, impressos e TV: era figurinha carimbada do *Yo! Raps*, da MTV, foi no *Altas Horas*, da Rede Globo e no *Sobcontrole*, da TV Bandeirantes.

Sem receio em sua exposição nos meios de comunicação, Sabotage se preocupa em ter postura fiel à periferia. "Para a TV eu iria sossegado, só não vou se for para ficar amarrado no tronco tomando chicotada". (C., 2015, p. 195)

Fora da curva. O nome *rap* significa "ritmo e poesia"⁴, mas para Sabotage era compromisso. Ele ressignificou o fazer e mostrar rap, o fazer arte. Richard Shusterman (1998) em 'A arte do Rap', afirma que "os rappers privilegiam uma estética de profundo envolvimento corporal e participante, em relação tanto ao conteúdo como à forma". (SHUSTERMAN, 1998, p. 15).

Sabotage também reúne recursos estéticos que, de acordo com Shusterman (1998), ao analisar as técnicas utilizadas na produção de canções de rap, declara a importância do reconhecimento do rap enquanto bem artístico, visto que o rapper/grupo "afrota assim qualquer distinção rígida entre artes maiores e arte popular fundada em critérios puramente estéticos, assim como coloca em questão a própria noção de tais critérios". (SHUSTERMAN, 1998, p.3).

Antes mesmo da concepção do produto, o tema escolhido trazia consigo já uma tratativa que eu pudesse me debruçar. O trabalho feito por mim foi realizar o recorte necessário com as devidas adequações e aprofundamentos acadêmicos, como a escolha do formato e referenciais teóricos selecionados.

Os *beats*⁵ eram diferentes, as rimas e o ritmo também. Eu que fui apresentada ao

⁴ Significado de Rap no site Infoescola. Disponível em <<https://goo.gl/Fu8DyX>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

⁵ A batida da música que pode ser criada de pick ups, sons da boca e programas de edição de som.

rap desde muito nova, fui surpreendida pela voz marcante e pela cativante malandragem do Maestro do Canção. A escolha do tema é, inquestionavelmente, afetiva. Conheci o Sabotage em 2012, quando tinha 18 anos. Kleber, um grande amigo, me apresentou o Sabotage como “o maior poeta brasileiro”. Nessa época já tinha um considerável conhecimento sobre o cenário de rap nacional: Racionais MC’s, RZO, Consciência Humana, Marcelo D2, Criolo, entre outros. Entretanto, Sabotage me tocou de maneira diferente.

O jeito com o qual ele cantava o Canção me remetia ao bairro que eu morava em Jequié-BA, o Mandacaru, onde morei desde o início da minha adolescência até minha vinda para Salvador, em 2013. Um bairro periférico, separado por uma ponte do resto da cidade, onde você costuma conhecer um ao outro, cumprimentar, dar bom dia, boa tarde e boa noite. Explico isso porque quando eu estava crescendo eu escutava os homens que tinham uma *boca* na esquina abaixo da minha rua escutando rap, e eu não sabia o que era aquele som, não conhecia, e por termos esse costume de falar um com outro, eu podia perguntar sem medo. Acabei conhecendo muita música. Consciência Humana, RZO, o ‘Nada como um dia após o outro dia’ do Racionais MCs eu conheci dessa forma.

O Mandacaru é um pouco do Canção e vice-versa. A população que vive à margem do centro da cidade e dos bairros mais nobres, a violência, o crime e as deficiências em políticas públicas para educação, saúde, moradia e segurança, por exemplo, são assuntos que o Sabotage viveu e cantou em sua música e eu pude viver de alguma forma no meu bairro. Minha avó também mora no Mandacaru e vive sozinha numa casa do Programa ‘Minha Casa Minha Vida’. No alto dos seus 80 anos, precisa conviver com a guerra entre os grupos dos maiores traficantes da cidade, ‘TG’ e ‘Real’, ouvindo tiros e sirenes da polícia a qualquer hora do dia.

Os autores Eduardo Vicente e Rosana de Lima Soares (2015) em ‘O global e o local na construção de identidades étnicas e regionais na música popular brasileira: o movimento Hip Hop paulistano’ discutem o rap paulistano como algo com uma identidade local que é aderida e transformada em prática coletiva.

[...] Não está relacionada à vida privada de um indivíduo, mas ao modo com um grupo se relaciona com as formas “estabelecidas” e as formas estigmatizadas” de poder presentes em uma sociedade

(VICENTE; SOARES 2012), instaurando lugares de reafirmação e transposição de estigmas. Desse modo, a produção da periferia de São Paulo torna-se singular e, nesse sentido, representativa não apenas de uma parcela de sua população - aquela dos bairros mais distantes - mas de seus habitantes em geral, que convivem e se relacionam mesmo que em espaços demarcados pelas diferenças e pela exclusão. (VICENTE; SOARES; in SÁ; CARREIRO; FERRARAZ, 2015, p. 243).

Complementando o pensamento de Vicente e Soares, ousou dizer que para além da região de São Paulo, o rap paulistano, o rap do Sabotage, chegou até o interior da Bahia.

4. O Processo

4.1 Entrevistas em São Paulo

Para me aprofundar no conteúdo que seria abordado no programa de rádio, diante do tema escolhido para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foi necessária a realização de um planejamento de produção constando todas as etapas de realização do produto.

Mesmo não sendo a primeira etapa do processo, tive grande preocupação com a etapa das entrevistas, essencial para a construção da narrativa do programa, pois por meio delas daria o embasamento correto ao recorte escolhido sobre a carreira do Sabotage. Para falar da sua produção musical, sua performance e sua estética - marcos importantes que o delimitaram como um rapper fora da curva entre os demais - sua carreira e importância no cenário musical brasileiro, sobretudo no meio do rap, escolhi possíveis entrevistados que tivessem, de alguma maneira, participado da carreira do Sabotage. Seja na produção dos discos e músicas ou fazendo parcerias musicais, o mote que guiou a escolha dos entrevistados era a relação na música com o Sabotage. Com exceção da família do rapper, que também optei por entrevistar, por uma questão de respeito e na tentativa de contemplar o espaço da família dentro da história do Sabotage, ao qual ele tinha grande estima, dentro do roteiro do programa.

A princípio minha ideia era entrevistar de oito a dez pessoas, entre produtores, músicos e família. Os canais que utilizei para entrar em contato com estas fontes foram

variados: Facebook, Instagram, Email e Whatsapp. Alguns responderam de imediato e outros não obtive respostas. Das investidas que fiz explicando o que seria o trabalho e convidando para entrevista, apenas uma pessoa disse não querer participar. Daniel Ganjaman, Rica Amabis, Tejo Damasceno, Dj Cia, Tamires (filha do Sabotage), Rappin Hood, Mano Brown e Black Alien, todos estes deram retorno positivo. Entretanto, dentro do período de realização das entrevistas, alguns não pude conversar por estarem viajando ou ocupados com outras funções. Foram eles: Rappin Hood, Mano Brown e Black Alien.

Era necessário ir para São Paulo. Todas as pessoas que trabalharam com o Sabotage residem lá. Comecei o agendamento das entrevistas em maio para que em junho pudesse ir para lá conversar com elas e entender um pouco mais da relação e suas impressões sobre a carreira do Sabotage.

Os primeiros entrevistados em São Paulo foram Tejo Damasceno e Rica Amabis, do Coletivo Instituto. Selo, produtora e gravadora, além da reunião livre de produtores e músicos, o Instituto é encabeçado por Tejo e Rica, dois técnicos de som, que desde muito cedo tiveram contato com o universo da produção musical, cresceram em estúdios e puderam experimentar fazer música sem o rótulo de “músico”. A entrevista aconteceu no estúdio do Instituto, na Vila Madalena. Próximo ao atual estúdio do Instituto e ao antigo estúdio em que foi gravado o primeiro disco do Sabotage, “Rap é Compromisso”, fomos em certo momento, num intervalo entre as entrevistas do Tejo Damasceno e do Rica Amabis, ao restaurante e bar “Mercearia São Pedro”, lugar bem simples, mas de bastante personalidade. Os produtores me disseram que o Sabotage almoçava todo dia neste lugar quando estava fazendo o seu primeiro disco. Ter este tipo de aproximação com a realidade em que o Sabotage viveu, para além das entrevistas, foi essencial para entender a importância do tema que eu estava tratando e o tom que eu daria ao programa.

O segundo entrevistado foi Daniel Ganjaman. Músico, engenheiro de áudio e produtor musical, Ganjaman é reconhecido no cenário musical por trabalhar com grandes artistas de rap, entre eles Racionais MC’s, Planet Hemp, Criolo e Sabotage. A entrevista ocorreu no seu estúdio, o El Rocha, em Pinheiros. A conversa com Daniel Ganjaman se desenrolou de maneira muito natural, o material captado foi extremamente

extenso, com diversas histórias, opiniões e passagens interessantes sobre o Maestro do Canção.

O terceiro entrevistado foi o Dj Cia. Integrante do grupo RZO, é produtor musical e também colabora com grupos como os Racionais MC's. Fez parte da produção de faixas do segundo disco do Sabotage. A entrevista ocorreu no seu estúdio, em Pirituba, Zona Norte.

A última parte de entrevistas foi com a família. Meu primeiro contato foi com a filha do Sabotage, a Tamires, através do facebook. Ela tinha aceitado dar a entrevista e pediu que eu retornasse o contato quando estivesse em terras paulistas. Chegando em São Paulo, retomei o contato e as coisas se tornaram um pouco mais complicadas. Descobri na entrevista com o Tejo Damasceno e com o Rica Amabis, que a família do Sabotage atualmente é agenciada por uma produtora, a Karina Spinoza, e uma assessora de comunicação, a Nerie Bento. Entrei em contato com ambas e elas me informaram que seria viável a entrevista com a família com algumas condições: a Dalva, viúva do rapper, antes elencada para a entrevista por mim, não poderia falar. Ela não concede entrevistas há muito tempo por opção, ficando, assim, os filhos Wanderson e Tamires. A tratativa final se deu com a Nerie Bento. Ela me indagou se eu iria divulgar este trabalho no Facebook, Sites, etc. Respondi que por ser um trabalho de cunho acadêmico e pelo formato que tinha escolhido, não teria a necessidade de divulgar em nenhuma plataforma na internet. Acredito que a minha resposta influenciou muito na confirmação da entrevista.

Após a tramitação com a Nerie Bento e confirmada a entrevista, no dia agendado fui para a Favela do Boqueirão, atual residência da família do Sabotage. Foi a maior experiência dessa viagem a São Paulo. Pedir informação sobre onde ficava a casa da Dalva ou da Tamires e ser respondida com um “Ah, a casa do Sabotage?! Fica virando logo ali” me dava a impressão de que eu iria encontrá-lo e entrevistá-lo também. No final, a Tamires foi a única que me concedeu entrevista apesar de toda a família ter me recebido com muito carinho e estima.

4.2 Produção

Após feita a pesquisa e recorte do tema abordado, a execução do roteiro e realização das entrevistas em São Paulo, restavam para a produção do programa especial ‘*Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage*’ as etapas de montagem e edição do material captado.

Para essas etapas foi preciso entender que o trabalho de conclusão de curso, apesar de ser da minha autoria, teria outras mãos e vozes colaborando. Nesse processo tive o apoio de dois grandes amigos da Faculdade de Comunicação (FACOM): Vinícius Nascimento e Dudu Assunção.

Vinícius é estudante de Produção Cultural e fez parte da Produtora Jr e Agenda Arte e Cultura da UFBA, em disciplinas da grade curricular pôde trabalhar com vídeo, gerenciamento de mídias e programação visual. Seu contato com áudio e locução se deu dentro da disciplina Oficina de Radiojornalismo. Vinícius fez a locução da ‘Rádio Mun-Rá’, com o codinome ‘Vinino’ (um dos seus apelidos) e conforme os feedbacks passados por mim, sobre entonação na voz, estilo, tempo e pausas. Mcleish (2001) diz que o locutor (ou narrador) pode colaborar ou não para um programa de rádio, sendo assim é necessário que se entenda o seu papel enquanto interlocutor que faz o ‘uso de links’, fazendo com que o tema abordado flua “naturalmente numa sequência, apontando para a frente, numa sobreposição inteligível. Isso não é fácil, mas cria uma atmosfera mais emocionante”. (MCLEISH, 2001. p. 193-194)

Dudu Assunção foi monitor bolsista da disciplina Oficina de Radiojornalismo e trabalhou por dois anos na produção musical da Rádio Educadora, também editou e montou o audiolivro ‘Rock Baiano - História de uma cultura subterrânea’ e produziu a edição radiofônica do *Mapa Musical da Bahia*. Dudu me ajudou em todo o processo de gravação da locução, além da montagem e edição do produto. Realizamos a gravação da locução de Vinícius no estúdio do Lab Rádio, na FACOM, visto que Dudu possui domínio sobre técnicas captação da voz. Para as etapas de edição e montagem utilizamos o programa *Audacity*. Durante três dias, juntos, escutamos os áudios brutos das entrevistas, recortamos as partes que correspondiam às intervenções do locutor, inserimos efeitos sonoros e músicas.

‘Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage’ é dividido em três blocos. O primeiro bloco traça a trajetória de vida do Sabotage, o início da sua carreira e como se deu o reconhecimento do rapper no meio musical, nele estão as entrevistas da Tamires e do Dj Cia. Já o segundo bloco apresenta os episódios que desencadearam no seu sucesso: seu primeiro disco, as diversas parcerias e o passeio por outros gêneros musicais, neste bloco estão as entrevistas com Daniel Ganjaman, Tejo Damasceno e Rica Amabis. Por fim, o terceiro bloco, que destaca a importância do Sabotage no cenário musical brasileiro, principalmente na cena de rap, e fala sobre o seu disco póstumo, lançado em 2016, possui falas de Dj Cia e Daniel Ganjaman.

O *Especial Sabotage* é um programa que oferece ao ouvinte, tanto em conteúdo quanto em forma, a possibilidade de ser escutado em blocos separados sem com que sofram perda de sentido grave.

As músicas utilizadas para a ‘Rádio Mun-Rá’ foram ‘Na Zona Sul’, ‘Um bom Lugar’, ‘Respeito é pra quem tem’, ‘Dama Tereza’, ‘Quem Viver Verá’, ‘Canção Foi Tão Bom’ e ‘Rap é Compromisso’, todas as músicas estão associadas ao tema discutido no decorrer do programa.

Ao final da edição, o programa ficou com um total de quarenta minutos, numa média de 13 minutos por bloco. É um tempo razoável para um especial que se propõe contar a trajetória de um artista emblemático, cheio de nuances e que já faleceu. Programas especiais da Rádio Educadora, por exemplo, variam de trinta minutos a uma hora de duração.

A intenção sempre foi priorizar o conteúdo coletado nas entrevistas. Para o primeiro bloco, optei por inserir entrevistas mais curtas, numa média de um minuto e meio (1’30’’), com o objetivo de dar dinamicidade e leveza e conquistar o ouvinte. O segundo bloco é mais denso, com entrevistas um pouco mais longas, numa média de um minutos e cinquenta segundos (1’50’’). As falas dos entrevistados neste bloco dão grande embasamento ao programa, de modo que argumentam acerca do recorte dado ao tema. Já o terceiro e último bloco traz entrevistas com uma média de um minuto e meio (1’30’’). Neste bloco tanto as falas dos entrevistados quanto as do locutor mantêm o caráter informativo e traz alguma curiosidade sobre o Sabotage, mas carregam também

emoção, com o objetivo de convencer o ouvinte sobre a importância do artista.

4.3 Os desafios

Ao decidir fazer o trabalho de conclusão de curso sobre o Sabotage e abordar sua produção musical, performance e importância no cenário musical, imaginei que teria que superar alguns obstáculos, uns mais complicados outros menos.

Um grande desafio foi conseguir entrar em contato e ser respondida pelos possíveis entrevistados. Desde o início do contato até a viagem a São Paulo passei por momentos de muita tensão e ansiedade. Como elaborar um material sem a participação das pessoas que fizeram parte da carreira do Sabotage? Descobri que sou extremamente insistente no decorrer dos dias em que não obtinha respostas das pessoas e persistia, retomando o contato, perguntando da possibilidade de agendamento. Esse processo se deu até o meu penúltimo dia em São Paulo.

Por optar por falar com a família do Sabotage, tive que ter muito cuidado na abordagem que daria durante a conversa e no momento da gravação da entrevista. Em razão do tema ainda ser delicado e mexer diretamente com algo que é tão pessoal e traz muitas e intensas lembranças à família, apesar de, geralmente, ser tratado com muita alegria e saudosismo.

Uma apreensão que tive foi em relação ao tempo hábil para desenvolvimento do programa especial, já que o semestre 2017.1 foi menor, com três meses, devido à reorganização do calendário por conta da última greve da Universidade Federal da Bahia.

Além das dificuldades técnicas encontradas na hora de executar o projeto, como o uso do meu próprio celular para captar a voz dos entrevistados, por não dispor de um gravador profissional, me deixando refém de possíveis ruídos.

Apesar de familiarizada, o próprio tema se apresentou como o desafio para mim. Acompanhar por meses biografia, reportagens, documentário, vídeos, filmes, escutar os discos do Sabotage de maneira compulsiva e conversar com pessoas que conviveram com ele, me aprofundando cada vez mais dentro daquilo que tinha me proposto a fazer,

não é uma tarefa assim tão fácil. Foi intenso. Por muitos momentos me peguei emocionada ouvindo alguma entrevista captada por mim e imaginando como poderia ficar dentro do roteiro, juntamente com a música que caberia perfeitamente para o momento. Este trabalho possui todo embasamento científico para se enquadrar dentro da academia ou até mesmo dispõe de recursos técnicos e estruturais suficientes para se encaixar em demandas mais comerciais do rádio. Contudo, antes de tudo, é um trabalho que possui uma carga enorme de sentimento depositada, tanto por mim quanto pelos entrevistados e, acredito, que também por quem me ajudou a realizá-lo da maneira que imaginava.

5. A Trajetória

Ao escolher cursar produção cultural delimito um objetivo que já me rondava há muito tempo: trabalhar com a cultura Hip Hop, em específico, com o rap. Desde o primeiro semestre buscava encaixar de alguma maneira a minha vontade profissional com as disciplinas que me eram oferecidas. Tanto nas matérias teóricas quanto nas oficinas, direcionava meu olhar na possibilidade de utilizar aquele conhecimento, teoria, modelo ou prática para uma realidade em que o rap estivesse inserido mercadologicamente, principalmente para o profissional de produção.

Foi na disciplina Oficina de Produção Cultural, no terceiro semestre, que pude botar em prática alguns dos muitos papéis de um produtor cultural. O trabalho principal da disciplina era realizar um evento, a turma optou em conjunto por produzir uma ideia que sugeri em sala: a realização de um festival de Hip Hop. Em 2014 aconteceu a primeira edição do MIXTAPE – Festival de Cultura Hip Hop, ao qual tinha como proposta homenagear os quatro pilares da cultura: o Grafite, o *Breaking*, Rap (MC) e o DJ. A primeira edição do projeto deu certo. Eu e mais três amigos conseguimos aprovar junto a Funarte em 2015 a sua segunda edição. Foi uma etapa de muito aprendizado, na qual pude me relacionar com pessoas da cena de Hip Hop de Salvador e estabelecer vínculos até hoje.

Também no terceiro semestre cursei a disciplina Estética, que abriu meu olhar quanto a um produto artístico. Em sala de aula, um dos assuntos mais debatidos era a

estética do rap e, principalmente, do rap brasileiro e baiano. Isso me deu certo conforto e me mostrou as diversas possibilidades de estudo sobre um tema que me era tão corriqueiro.

No sexto semestre a disciplina Comunicação e Cultura Contemporânea me abriu os horizontes de análise e estudo sobre cultura e os meios de comunicação. Dentro da Faculdade de Comunicação foi a disciplina que mais me identifiquei.

Ainda dentro da FACOM, tive a oportunidade de ter o meu primeiro estágio. Passei um ano trabalhando na Agenda Arte e Cultura da UFBA, portal de notícias sobre eventos artísticos, culturais e acadêmicos da universidade. Lá pude desenvolver meu texto, produzindo matérias e exercitando um pouco a fotografia.

Em 2014 surgiu a oportunidade de estágio na FUNCEB. Trabalhar num equipamento do Estado, aprender sobre gestão cultural e entender como funcionava a engrenagem dos editais, patrocínios e financiamentos era uma vontade que sempre tive. Acompanhei de perto a elaboração do Calendário das Artes, edital de fomento no território do estado da Bahia. Após 9 meses fui para o Teatro Módulo onde pude ter maior contato com produção executiva e também entender a gestão de um equipamento privado.

Também trabalhei na Zim Color, nos setores de Comunicação e Eventos. Pude aprender todos os métodos necessários para se divulgar um produto nas redes sociais e em sites e obter um resultado positivo em tempo hábil.

Atualmente trabalho na Caderno 2 Produções, produtora de eventos renomada de Salvador. Lá pude colaborar com diversos projetos como Virada Sustentável, Carnaval do Ilê Aiyê e Luiz Caldas, Prêmio Braskem de Teatro, Fronteiras Braskem do Pensamento, Música no Parque, entre outros. O contato direto com todos os setores essenciais para a realização de um evento é fundamental para a minha formação profissional e concepção do meu trabalho.

O apreço pela cultura Hip Hop, pelo rap, permanece. Acredito que o trabalho de conclusão de curso foi crucial para cumprir o encerramento do meu ciclo dentro da universidade de maneira coerente e também me mostrou que o meu futuro profissional

está repleto de oportunidades. Assim como Sabotage “eu me dou bem no som”⁶.

⁶ Canção Foi Tão Bom - Sabotage. Disponível em <<https://goo.gl/axpDGX>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

Referências

BENTES, Anna Christina. **“Um bom lugar”**: a arte verbal nos videoclipes do rap paulista. Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 1. Disponível em: <<http://bit.ly/2vO1XHp>>. Acesso em: 9 de agosto de 2017.

C., Toni. **Um bom lugar - Sabotage**. 1ª edição. São Paulo: LiteraRUA, 2013.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: O Veículo , a História e a Técnica**. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Doravante, 2001.

FERRARETO, Luiz Artur. **O rádio e as formas do seu uso no início do século XXX: uma abordagem histórica**. In: MAGNONI, Antonio Francisco; DE CARVALHO, Juliano Maurício. O novo rádio: Cenários da radiofusão na era digital. São Paulo: Editora Senac, 2010.

GUTMANN, Juliana. **Sobre performance e historicidade: uma proposta de abordagem estética e cultural da MTV Brasil**. Compós 2015. Disponível em: <<http://migre.me/vTYof>>. Acesso em: 9 de agosto de 2017.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. 3ª edição. São Paulo, Editora Summus, 2011.

SHUSTERMAN, Richard. **A Arte do RAP**. In: Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998 (pp 99-142).

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. **Música é informação! Música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Schafer e Paul Zumthor**. In: SILVA, Rafael Souza (Org). Discursos simbólicos da Mídia. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana de Lima. **O global e o local na construção de identidades étnicas e regionais na música popular brasileira: o movimento Hip Hop paulistano**. In: SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo e FERRARAZ Rogério (Org). Cultura Pop: Livro Compós. Salvador: Edufba, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A

ROTEIRO DO PROGRAMA

“RÁDIO MUN-RÁ: ESPECIAL SABOTAGE”

O PROGRAMA TERÁ A DURAÇÃO DE 30 A 40 MINUTOS E SERÁ DIVIDIDO EM TRÊS BLOCOS, DE 10 A 13 MINUTOS CADA. O OBJETIVO DA ‘RÁDIO MUN-RÁ: ESPECIAL SABOTAGE’ É ABORDAR A CARREIRA DO RAPPER PAULISTANO SABOTAGE E TRAÇAR AO LONGO DE CADA BLOCO, CARACTERÍSTICAS DO ARTISTA QUE O FIZERAM SER TÃO MARCANTE PARA O CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO NO INÍCIO DOS ANOS 2000.

BLOCO 01

TEMA: “TRAJETÓRIA DE VIDA, INÍCIO NA MÚSICA E RECONHECIMENTO NO MEIO MUSICAL”

[“INTRODUÇÃO”]

[VINHETA - “RAP É COMPROMISSO INSTRUMENTAL”]

LOCUTOR INICIA FALA POR CIMA DA VINHETA / APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA.

[LOCUTOR]: HEY HEY VOCÊ SINTONIZADO NA RÁDIO MUN-RÁ! EU SOU O **VININO**, V-I-N-I-N-O, E *TAMO* COMEÇANDO O PROGRAMA. O DIA É ESPECIAL PORQUE *VAMO* FALAR DE UM CARA IMPORTANTE PRO RAP, UM CARA QUE REPRESENTOU MUITO E É UNANIMIDADE, SENDO CONSIDERADO UM DOS MAIORES RAPPERS DO BRASIL: **SABOTAGE!**

[INÍCIO DA MÚSICA “COCAÍNA”]

- ***APRESENTAÇÃO DO TEMA 01 + CHAMADA PARA MÚSICA.***

LOCUTOR FALA

[LOCUTOR]: O SABOTAGE, ANTES DE SE TORNAR O FAMOSO SABOTAGE... ERA O MAURO MATEUS DOS SANTOS, O MAURINHO, QUE VIVIA NA FAVELA DO CANÃO, SÃO PAULO. UM CARA FAMÍLIA, QUE TINHA UM AMOR INABALÁVEL PELOS IRMÃOS, PELA MÃE, PELA ESPOSA E PELOS FILHOS... E ELE TINHA UM SONHO: **CANTAR RAP**. ERA APAIXONADO POR MÚSICA E VIA NISSO A POSSIBILIDADE DE ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS. **SABOTAGE** QUERIA MUDAR UM POUCO A SITUAÇÃO DAQUELES QUE PASSAVAM PELOS MESMOS PROBLEMAS QUE ELE NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO E DO BRASIL.

SABOTAGE TAMBÉM SE DESTACOU PELA PERFORMANCE ÚNICA NOS PALCOS, NA TELA DO CINEMA E EM SEU POSICIONAMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DE SUAS LETRAS E SEU FLOW.

MAS, VAMO LÁ! VAMO COMEÇAR! VEM AÍ “**NA ZONA SUL**”, MÚSICA DO PRIMEIRO CD DO SABOTA!

[MÚSICA 01]

- “NA ZONA SUL”

LOCUTOR FALA

- **TRAJETÓRIA DE VIDA, PUXANDO O GANCHO DA MÚSICA “ZONA SUL”.**

[LOCUTOR]: ZONA SUL, ZONA SHOW! VOCÊ OUVIU “NA ZONA SUL”, MÚSICA DO PRIMEIRO DISCO DO SABOTA, “**RAP É COMPROMISSO**”. O SABOTAGE ERA UM CARA ALEGRE... QUE APESAR DAS DIFICULDADES, SEMPRE BATALHOU DIA APÓS DIA PARA MANTER O SUSTENTO DE CASA. ESSE FILHO DE OXÓSSI ERA GUERREIRO. *FALAMO* COM TAMIRES, FILHA DO SABOTAGE, PRA SABER COMO ERA A CONVIVÊNCIA COM ELE E SUAS IMPRESSÕES SOBRE A OBRA DO PAI.

[FALA 01 - TAMIRES]

LOCUTOR FALA

- **FALA SOBRE O INÍCIO NA MÚSICA E RECONHECIMENTO NO MEIO. CHAMADA PARA ENTREVISTA COM DJ CIA.**

[LOCUTOR]: O SABOTAGE FOI UM CARA DE MUITOS AMIGOS, NÃO ERA PRA MENOS... O CARA ERA DIFERENCIADO! TODO MUNDO GOSTAVA! E TEVE UM CARA QUE FOI MUITO IMPORTANTE PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO SABOTA: **DJ CIA, DO RZO!** MESTRE DO RAP NACIONAL, AJUDOU NO COMEÇO DA CARREIRA, NO PRIMEIRO DISCO, PRODUZIU MÚSICAS PRO SEGUNDO DISCO... É, É O QUE A GENTE VAI OUVIR AGORA:

[FALA 02 - DJ CIA]

LOCUTOR FALA

- **FINALIZAÇÃO DO PRIMEIRO BLOCO + CHAMADA PARA MÚSICA.**

[LOCUTOR]: PRIMEIRO BLOCO TÁ ACABANDO MAS AINDA TEM MAIS... **ESPECIAL SABOTAGE** NA RÁDIO **MUN-RÁ!** AGORA A GENTE OUVE O GRANDE SUCESSO DO PRIMEIRO DISCO: “UM BOM LUGAR”. SALVE, SABOTAGE!

[MÚSICA 02 - “UM BOM LUGAR”]

BLOCO 02

TEMA: “PRIMEIRO DISCO, FLOW ÚNICO E PARCERIAS MUSICAIS: SABOTAGE TORNA-SE UM DOS MAIORES RAPPERS DO BRASIL”

LOCUTOR FALA

- **APRESENTAÇÃO DO TEMA. FALA SOBRE O PRIMEIRO DISCO. CHAMADA PARA MÚSICA.**

[VINHETA - “NA ZONA SUL INSTRUMENTAL”]

[LOCUTOR]: HEY HEY! *VOLTAMO* COM A RÁDIO MUN-RÁ: ESPECIAL SABOTAGE! JÁ *FALAMO* QUE ELE ERA UM CARA DIFERENCIADO, NÉ? E QUANDO O ASSUNTO É MÚSICA... NÃO TINHA PRA NINGUÉM. O “*MAURINHO*” DESTRUÍA. FLOW, RIMA, LETRAS E PRESENÇA: SABOTAGE ERA ÚNICO. NESSE BLOCO VAMOS CONHECER UM POUCO MAIS DA PERFORMANCE DO SABOTA, O SEU PRIMEIRO DISCO E AS PARCERIAS MUSICAIS. MAS ANTES, PRA ABRIR, PRA AQUECER, *VAMO* COM A MÚSICA “RESPEITO É PRA QUEM TEM”!

[MÚSICA 03 - “RESPEITO É PRA QUEM TEM”]

LOCUTOR FALA

- ***CHAMADA PARA FALA DE DANIEL GANJAMAN.***

[LOCUTOR]: ESSA FOI “RESPEITO É PRA QUEM TEM”, MÚSICA DO PRIMEIRO DISCO DO SABOTA: “RAP É COMPROMISSO”. E NÓS FALAMOS COM DANIEL GANJAMAN, O CARA QUE PRODUZIU ESSE DISCO. FALA AÍ, GANJAMAN!

[FALA 03 - DANIEL GANJAMAN]

LOCUTOR FALA

- ***LETRA, PERFORMANCE E FLOW ÚNICO. CHAMADA PARA FALA DE TEJO DAMASCENO.***

[LOCUTOR]: OUTRO PRODUTOR MUSICAL, QUE TRABALHOU EM DIVERSOS PROJETOS COM O SABOTAGE FOI TEJO DAMASCENO, ENTRE OS PROJETOS TEM O INSTITUTO E A TRILHA SONORA DO FILME ‘O INVASOR’.

[FALA 04 - TEJO DAMASCENO]

LOCUTOR FALA

- ***PARCERIAS E INFLUÊNCIAS MUSICAIS. CHAMADA PARA ENTREVISTA COM RICA AMABIS***

[LOCUTOR]: SABOTAGE ERA DO RAP MAS ACABOU CIRCULANDO POR OUTROS GÊNEROS MUSICAIS TAMBÉM: SAMBA, ROCK... ERA FÃ DE CHICO BUARQUE, DO TUPAC E DA SANDY. COM ESSA VERSATILIDADE TODA, ACABOU FAZENDO GRANDES PARCERIAS MUSICAIS. *CONVERSAMO* COM O RICA AMABIS, QUE TRABALHOU COM O SABOTAGE NO INSTITUTO.

[FALA 05 - RICA AMABIS]

LOCUTOR FALA

- ***ENCERRA O BLOCO + CHAMADA PARA MÚSICA***

[LOCUTOR]: ELE NÃO ERA BRINCADEIRA! SABOTAGE ERA RAP, ERA MALOCA. AGORA *VAMO* DE “DAMA TEREZA”.

[MÚSICA 04 - “DAMA TEREZA”]

BLOCO 03

- “DISCO PÓSTUMO E IMPORTÂNCIA DE SABOTAGE PARA O RAP BRASILEIRO”

[VINHETA - “UM BOM LUGAR INSTRUMENTAL”]

LOCUTOR FALA

- **APRESENTAÇÃO DO TEMA. FALA SOBRE O DISCO PÓSTUMO. CHAMADA PARA FALA DE DJ CIA e DANIEL GANJAMAN**

[LOCUTOR]: SABOTAGE MORREU EM 24 DE JANEIRO DE 2003. TODAS AS FAVELAS DO BRASIL CHORARAM. MAS ESTAMOS AQUI PRA FALAR DA OBRA DO SABOTAGE, SUA PRODUÇÃO E SEU LEGADO. SUAS MÚSICAS CONTINUAM INFLUENCIANDO RAPPERS DA CENA ATUAL E CONQUISTANDO MUITO FÃS.

ESSE É O NOSSO ÚLTIMO BLOCO... TÁ ACABANDO. MAS, VAI LÁ, FOI DA HORA, NÉ! TÁ SENDO... PODE DIZER! **RÁDIO MUN-RÁ: ESPECIAL SABOTAGE!**

PRA SABER MAIS UM POUQUINHO SOBRE O MAESTRO DO CANÃO, ESCUTAR UMAS HISTÓRIAS, OUVIR UM SOM... NESSE ÚLTIMO BLOCO VAMOS SABER MAIS DO DISCO PÓSTUMO DO SABOTA, LANÇADO ANO PASSADO, COM **MÚSICAS INÉDITAS!** DJ CIA E DANIEL GANJAMAN QUE CONTAM ESSAS HISTÓRIAS PRA GENTE.

[FALA 06 - DJ CIA E DANIEL GANJAMAN]

LOCUTOR FALA

- **CHAMADA PARA MÚSICA**

[LOCUTOR]: PESADO, HEIN! AGORA VAMOS OUVIR “QUEM VIVER VERÁ”, MÚSICA DO SEGUNDO DISCO DO SABOTAGE.

[MÚSICA 05 - “QUEM VIVER VERÁ”]

LOCUTOR FALA

- **CHAMADA PARA MÚSICA**

[LOCUTOR]: ESSA FOI “QUEM VIVER VERÁ”, DO DISCO PÓSTUMO DO SABOTAGE. SABOTAGE DEIXOU UM LEGADO. NUNCA ABANDONOU OS SEUS, SEU LUGAR. **SABOTAGE: O MAESTRO DO CANÃO.**

[MÚSICA 06 - “CANÃO FOI TÃO BOM”]

LOCUTOR FALA

- **ENCERRAMENTO DO PROGRAMA E FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RAPPER PARA O CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO E, PRINCIPALMENTE, PARA O RAP. AGRADECIMENTOS. CHAMADA PARA MÚSICA.**

[LOCUTOR]: SABOTAGE ERA UM GÊNIO DO RAP. DA MÚSICA. RESPEITADO NO MEIO, ELE ERA UM UNIVERSO, MÚLTIPLO, COMPLEXO. ELE FALOU DO CANÃO, FALOU DO PRETO, DO POBRE, FALOU DO RAP, FALOU DA ARTE, DA AMIZADE, DO AMOR. E DEIXOU O RECADO, QUE SINTETIZA TODOS ESSES TEMAS: **RAP, MEU IRMÃO, É COMPROMISSO.**

[MÚSICA 07 - “RAP É COMPROMISSO”]

ENCERRA O PROGRAMA.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

HEY HEY/ VOCÊ SINTONIZADO NA RÁDIO MUN-RÁ// EU SOU **VININO**/ V-I-N-I-N-O, E *TAMO* COMEÇANDO O PROGRAMA/ O DIA É ESPECIAL PORQUE *VAMO* FALAR DE UM CARA MUITO IMPORTANTE PRO RAP/ UM CARA QUE REPRESENTOU MUITO E É UMA UNANIMIDADE/ CONSIDERADO UM DOS MAIORES RAPPERS DO BRASIL: **SABOTAGE**///

O **SABOTAGE**/ ANTES DE SE TORNAR O FAMOSO SABOTAGE/ ERA O MAURO MATEUS DOS SANTOS, O MAURINHO, QUE VIVIA NA FAVELA DO CANÃO/ EM SÃO PAULO//

ERA UM CARA FAMÍLIA/ QUE TINHA UM AMOR INABALÁVEL PELOS IRMÃOS/ PELA MÃE/ PELA ESPOSA E PELOS FILHOS... E ELE TINHA UM SONHO: **CANTAR RAP**// ERA APAIXONADO POR MÚSICA E VIA NISSO A POSSIBILIDADE DE ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS// **SABOTAGE** QUERIA MUDAR *UM POUCO* A SITUAÇÃO DAQUELES QUE PASSAVAM PELOS MESMOS PROBLEMAS QUE ELE NAS PERIFERIAS/ DE SÃO PAULO E DO BRASIL//

SABOTAGE TAMBÉM SE DESTACOU PELA PERFORMANCE ÚNICA NOS PALCOS/ NA TELA DO CINEMA E EM SEU POSICIONAMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DE SUAS LETRAS E SEU FLOW//

MAS/ VAMO LÁ// VAMO COMEÇAR// VEM AÍ “**NA ZONA SUL**”/ MÚSICA DO PRIMEIRO CD DO SABOTA///

ZONA SUL/ ZONA SHOW// VOCÊ OUVIU “**NA ZONA SUL**”/ MÚSICA DO PRIMEIRO DISCO DO **SABOTA**/ “**RAP É COMPROMISSO**”// O **SABOTAGE** ERA UM CARA ALEGRE/ QUE APESAR DAS DIFICULDADES/ SEMPRE

BATALHOU DIA APÓS DIA PARA MANTER O SUSTENTO DE CASA// ESSE FILHO DE OXÓSSI ERA GUERREIRO//

FALAMO COM **TAMIRES**/ FILHA DO SABOTAGE/ PRA SABER COMO ERA A CONVIVÊNCIA COM ELE E SUAS IMPRESSÕES SOBRE A OBRA DO PAI///

O **SABOTAGE** FOI UM CARA DE MUITOS AMIGOS/ TAMBÉM NÃO ERA PRA MENOS// O CARA ERA DIFERENCIADO// TODO MUNDO GOSTAVA// E TEVE UM CARA QUE FOI MUITO IMPORTANTE PRA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO SABOTA:/ O **DJ CIA**, DO **RZO**// MESTRE DO RAP NACIONAL/ AJUDOU NO COMEÇO DA CARREIRA/ NO PRIMEIRO DISCO/ PRODUZIU MÚSICAS PRO SEGUNDO... É.../ É ISSO QUE A GENTE VAI OUVIR AGORA///

PRIMEIRO BLOCO TÁ ACABANDO/ MAS AINDA TEM MAIS **ESPECIAL SABOTAGE** AQUI NA RÁDIO **MUN-RÁ**// AGORA A GENTE OUVIU O GRANDE SUCESSO DO PRIMEIRO DISCO: “**UM BOM LUGAR**”// SALVE/ **SABOTAGE**//

HEY HEY/ *VOLTAMO* COM A **RÁDIO MUN-RÁ**/ **ESPECIAL SABOTAGE**// JÁ *FALAMO* QUE ELE ERA UM CARA DIFERENCIADO/ NÉ?// E QUANDO O ASSUNTO É MÚSICA/ NÃO TEM PRA NINGUÉM// O **MAURINHO** DESTRUÍA// FLOW/ RIMA/ LETRAS E PRESENÇA:// **SABOTAGE** ERA ÚNICO//

NESSE BLOCO VAMOS CONHECER MAIS DA PERFORMANCE DO **SABOTA**/ O SEU PRIMEIRO DISCO E AS PARCERIAS MUSICAIS// MAS ANTES/ PRA ABRIR/ PRA AQUECER/ *VAMO* COM A MÚSICA “**RESPEITO É PRA QUEM TEM**”///

ESSA FOI “**RESPEITO É PRA QUEM TEM**”/ MÚSICA DO PRIMEIRO DISCO DO SABOTA/ “**RAP É COMPROMISSO**”// E NÓS FALAMOS COM O CARA QUE PRODUZIU ESSE DISCO/ **DANIEL GANJAMAN**// FALA AÍ, GANJAMAN!///

OUTRO PRODUTOR MUSICAL QUE TRABALHOU EM DIVERSOS PROJETOS COM SABOTAGE FOI **TEJO DAMASCENO**// ENTRE OS PROJETOS TEM O **INSTITUTO** E A TRILHA SONORA DO FILME “O INVASOR”///

SABOTAGE ERA DO RAP/ MAS ACABOU CIRCULANDO POR OUTROS GÊNEROS MUSICAIS TAMBÉM:/ SAMBA, ROCK... ERA FÃ DE CHICO BUARQUE, TUPAC E DA SANDY//

COM ESSA VERSATILIDADE TODA/ ACABOU FAZENDO GRANDES PARCERIAS MUSICAIS//

CONVERSAMO COM **RICAMABIS**, QUE TRABALHOU COM SABOTAGE NO **INSTITUTO**///

ELE NÃO ERA BRINCADEIRA!! **SABOTAGE** ERA RAP/ ERA MALOCA// AGORA VAMO DE “**DAMA TEREZA**”///

SABOTAGE MORREU EM 24 DE JANEIRO DE 2003/ TODAS AS FAVELAS DO BRASIL CHORARAM// MAS ESTAMOS AQUI PRA FALAR DA OBRA DO SABOTAGE/ SUA PRODUÇÃO E SEU LEGADO// SUAS MÚSICAS CONTINUAM INFLUENCIANDO RAPPERS DA CENA ATUAL E CONQUISTANDO MUITO FÃS///

ESSE É O NOSSO ÚLTIMO BLOCO... TÁ ACABANDO// MAS/ VAI LÁ/ FOI DA HORA/ NÉ// TA SENDO... PODE DIZER// **RÁDIO MUN-RÁ: ESPECIAL SABOTAGE**//

PRA SABER MAIS UM POUQUINHO SOBRE O MAESTRO DO CANÃO/ VAMO ESCUTAR UMAS HISTÓRIAS/ OUVIR MAIS UM SOM...//

AGORA/ NÓS VAMOS SABER MAIS DO DISCO PÓSTUMO DO SABOTA/ LANÇADO ANO PASSADO/ COM **MÚSICAS INÉDITAS**//

DJ CIA E **DANIEL GANJAMAN** QUE CONTAM ESSAS HISTÓRIAS PRA GENTE///

PESADO, HEIN!// AGORA VAMOS OUVIR “QUEM VIVER VERÁ”/ MÚSICA DO SEGUNDO DISCO DO SABOTAGE.

ESSA FOI “**QUEM VIVER VERÁ**”/ DO DISCO PÓSTUMO DO SABOTAGE// **SABOTAGE** DEIXOU UM LEGADO// NUNCA ABANDONOU OS SEUS/ SEU LUGAR// **SABOTAGE: O MAESTRO DO CANÃO**///

SABOTAGE ERA UM GÊNIO DO RAP// DA MÚSICA// RESPEITADO NO MEIO/ ELE ERA UM UNIVERSO/ MÚLTIPLO/ COMPLEXO// ELE FALOU DO CANÃO/ FALOU DO PRETO/ DO POBRE/ FALOU DO RAP/ FALOU DA ARTE/ DA AMIZADE/ DO AMOR... E DEIXOU O RECADO QUE SINTETIZA TODOS ESSES TEMAS: RAP/ MEU IRMÃO/ É COMPROMISSO///

APÊNDICE C

LISTA DE MÚSICAS INSERIDAS NO PROGRAMA

1. Introdução - Faixa 01 do disco “Rap é Compromisso” - Efeito Sonoro
2. Rap é Compromisso Instrumental - Faixa 12 do disco “Rap é Compromisso” - Vinheta
3. Cocaína - Faixa 05 do disco “Rap é Compromisso” - Efeito Sonoro
4. Na Zona Sul - Faixa 06 do disco “Rap é Compromisso” - Música
5. Um bom Lugar - Faixa 03 do disco “Rap é Compromisso” - Música
6. Na Zona Sul Instrumental⁷ - Vinheta
7. Respeito é pra quem tem - Faixa 09 do disco “Rap é Compromisso” - Música
8. Dama Tereza - Faixa 08 do disco “Coleção Nacional”, do Instituto - Música
9. Um bom lugar Instrumental - Faixa 13 do disco “Rap é Compromisso” - Vinheta
10. Quem Viver Verá - Faixa 07 do disco “Sabotage” - Música
11. Canção Foi Tão Bom - Faixa 03 do disco “Sabotage” - Música
12. Rap é Compromisso - Faixa 02 do disco “Rap é Compromisso” - Música

⁷ Retirado do Youtube. Disponível em <<https://goo.gl/A7EVqD>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.